



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

CAMILA VITÓRIA NASCIMENTO SAMPAIO

ENTRE A DISCIPLINA E A RUA: UMA MICRO-HISTÓRIA DOS
TRABALHADORES DA MORAES S/A (1950-1970)

PARNAÍBA-PI
2024

CAMILA VITÓRIA NASCIMENTO SAMPAIO

**ENTRE A DISCIPLINA E A RUA: UMA MICRO-HISTÓRIA DOS
TRABALHADORES DA MORAES S/A (1950-1970)**

Artigo apresentado à Universidade Estadual do
Piauí, campus Professor Alexandre Alves de
Oliveira, como requisito parcial para obtenção
do grau de Licenciatura Plena em História.
Orientador(a): Idelmar Gomes Cavalcante
Júnior.

**PARNAÍBA-PI
2024**



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E
EXTENSÃO



CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
COORDENAÇÃO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos treze dias do mês de junho de dois mil e vinte e quatro, às 18:00, no miniauditório do campus Professor Alexandre Alves de Oliveira, na presença da banca examinadora presidida pelo professor **Idelmar Gomes Cavalcante Júnior** e composta pelas seguintes professoras membros: **Jonas Henrique de Oliveira** e **Manuel Domingos Neto**, a aluna **Camila Vitória Nascimento Sampaio** apresentou, como elemento curricular indispensável à colação de grau, o Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação em Licenciatura Plena em História intitulada: **ENTRE A DISCIPLINA E A RUA: UMA MICRO-HISTÓRIA DOS TRABALHADORES DA MORAES S/A (1950-1970)**. A banca examinadora reunida em sessão reservada deliberou e decidiu pela **APROVAÇÃO** da candidata e eu, professor Idelmar Gomes Cavalcante Júnior, na qualidade de presidente da banca lavrei a presente ata que será assinada por mim, pelos demais membros e pela aluna apresentadora do trabalho.

Obs.: **Nota 9,5**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr. **Idelmar Gomes Cavalcante Júnior** (Orientador)
Universidade Estadual do Piauí

Jonas H. de Oliveira

Prof. Dr. **Jonas Henrique de Oliveira** (Examinador Interno)
Universidade Estadual do Piauí

Prof. Dr. **Manuel Domingos Neto** (Examinador Externo)
Universidade Estadual do Piauí

Camila Vitória Nascimento Sampaio

Camila Vitória Nascimento Sampaio (Graduanda)

“Sentou pra descansar como se fosse um príncipe;
Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo;
Bebeu e soluçou como se fosse máquina;
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo;
E tropeçou no céu como se ouvisse música”.

(Música *Construção* de Chico Buarque)

AGRADECIMENTOS

Foi um longo caminho, anos de estudo e dedicação, uma jornada com muitas dificuldades e alegrias, em que pude contemplar meu próprio amadurecimento, por isso agradeço a Deus pela oportunidade que tive, sem dúvidas um grande privilégio. Jesus me proveu de paciência e concedeu-me sustento em meio às provas que se erguiam. Como não sou da cidade em que o curso de Licenciatura Plena em História é ofertado, precisei me mudar e, felizmente, consegui dividir apartamento com outras colegas, o que ajudou a equilibrar as contas. Mesmo assim, eram muitos gastos, porém, meus pais jamais negaram apoio financeiro para que o meu desejo de finalizar o curso de graduação se concretizasse. Agradeço a minha mãe, a pessoa que mais me motiva e acredita em mim. Ela, como professora, possui intensa dedicação e orgulho em ser docente, e pude contemplar ao longo da minha vida seus esforços pela educação. Também agradeço ao meu pai, por me ajudar financeiramente enquanto estive em Parnaíba.

Como mencionei, para realizar o curso de graduação, precisei me mudar e com isso passei a dividir apartamento com algumas amigas. Foram meses e meses vivendo juntas, e com isso criamos um forte vínculo. Quero mencionar o nome de Ivonety, que me arrancou tantas risadas e trouxe alegria para todas que viviam no apartamento nº 3. Agradeço a Juliana, que com sua personalidade doce e riso fácil, alegrava o ambiente. Também, expresso minha gratidão a Ivanilda Miranda, minha companheira de curso, de trabalho, de rotina. Enfrentamos muitos momentos juntas, mas sempre com risadas e piadas, sou muito feliz em ter essa amizade preciosa. Foram elas que fizeram a minha trajetória acadêmica mais leve.

Por último, mas não menos importante, agradeço aos meus amados avós, que são peça essencial na minha formação, uma vez que me incentivaram, do começo ao fim. Também expresso minha gratidão ao Sr. Cláudio que aceitou realizar as entrevistas, foi uma experiência maravilhosa conseguir ouvir seus relatos. Além disso, agradeço ao meu orientador prof. Dr. Idelmar Cavalcante, pelos ensinamentos e auxílio na produção deste artigo. Por fim, aos demais professores do curso, deixo registrado minha imensa admiração pela dedicação que cada um possui. Se o curso de História na UESPI de Parnaíba resiste, sem dúvidas é em maior parte devido ao trabalho de cada professor(a).

ENTRE A DISCIPLINA E A RUA: UMA MICRO-HISTÓRIA DOS TRABALHADORES DA MORAES S/A (1950-1970)

*Camila Vitória Nascimento Sampaio
Idelmar Gomes Cavalcante Júnior.*

RESUMO

Este estudo busca abordar o cotidiano dos trabalhadores da fábrica Moraes S/A, localizada na cidade de Parnaíba, no estado do Piauí, analisando o dia a dia de labuta e a vida desses sujeitos fora do ambiente fabril. Para tanto, a metodologia escolhida é a da Micro-história, pois será examinado as colocações de um ex-empregado da fábrica, objetivando uma compreensão maior sobre as experiências e vivências dos funcionários da Moraes S/A, bem como do próprio trabalhador parnaibano. Há poucas pesquisas e muitos questionamentos sobre esses indivíduos, por isso este artigo visa trazer maior protagonismo e esclarecimentos sobre aqueles que, dentro da produção histórica, não recebem o devido destaque. O recorte temporal selecionado é de 1950 a 1970, já que se relaciona com a trajetória do ex-empregado da fábrica que forneceu seus relatos para este trabalho, bem como é um momento histórico permeado por conflitos, haja visto que em 1968 houve o período mais repressivo da Ditadura Civil-Militar no Brasil, com o Ato Institucional Número Cinco (AI-5).

Palavras-chave: Trabalhadores; Cotidiano; Parnaíba-PI; Moraes S/A.

ABSTRACT

This study seeks to address the daily life of the workers of the Moraes S/A factory, located in the city of Parnaíba, in the state of Piauí, analyzing the daily toil and the life of these individuals outside the manufacturing environment. Therefore, the methodology chosen is the Micro-history, as it will be examined the placements of a former employee of the factory, aiming at a greater understanding of the experiences and experiences of the employees of Moraes S/ A, as well as the worker parnaibano. There are few researches and many questions about these individuals, so this article aims to bring greater protagonism and clarification about those who, within the historical production, do not receive due prominence. The selected time frame is from 1950 to 1970, since it relates to the trajectory of the former employee of the factory who provided his reports for this work, as well as is a historical

moment permeated by conflicts, that in 1968 there was the most repressive period of the Civil-Military Dictatorship in Brazil, with Institutional Act Number Five (AI-5).

Keywords: Workers; Daily life; Parnaíba-PI; Moraes S/A.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por intuito tratar sobre o cotidiano dos trabalhadores da fábrica Moraes S/A, localizada na cidade de Parnaíba, no estado do Piauí. Visa-se, com isto, conhecer o cotidiano desses sujeitos em meio ao ambiente fabril, identificando as formas de sociabilidade e as tensões existentes dentro e fora desse espaço. Sendo assim, a fábrica em questão fora escolhida devido a sua relevância no cenário econômico parnaibano, uma vez que criou projetos inovadores, realizou exportações, sendo reconhecida, portanto, no mercado nacional e internacional¹. Fundada em 1904 e encerrando suas atividades em 2005, localizava-se no centro da cidade, próxima aos outros tantos prédios industriais e comerciais que funcionavam naquele período. O negócio aberto pela família Moraes manteve-se até o começo da década de 1980 como uma das principais empresas especializadas no extrativismo vegetal em Parnaíba². Sobre a fábrica, muitos estudos já foram empreendidos a respeito da sua relevância na cidade e no estado, trazendo grande protagonismo para os donos da Moraes S/A.

Soma-se a isso que, o otimismo e progressismo advindos do vigoroso comércio parnaibano durante o século XX, auxiliaram na criação de uma imagem da cidade como a “Princesa do Igaraçu”, reforçado pelos discursos apresentados, por exemplo, nos jornais que circulavam no período e, posteriormente, por uma prática escriturística que consagra Parnaíba como a “cidade que já teve”³. É essa prática responsável por enaltecer nomes de comerciantes e indústrias quando se pensa a História local, tal qual os donos da Moraes S/A. No entanto,

¹ A fábrica Moraes S/A elaborou projetos que visavam o melhor aproveitamento da Carnaúba. Com planos de produzir celulose a partir da carnaubeira, o negócio da família Moraes prosperou, sendo reconhecido no Piauí e no Brasil pelo seu destaque econômico. Disponível em: <https://www.jornaldaparnaiba.com/2014/07/industria-moraes-sa.html>

² Após a década de 1980 a Moraes S/A começa a entrar em declínio, iniciando o processo de desindustrialização, como é analisado de forma minuciosa na pesquisa do historiador Francisco Eduardo Souza Santos, intitulada *Do desenvolvimento à desindustrialização: Um estudo sobre o fim da Moraes S/A*.

³ Sobre essa última característica, aprofundada pelo historiador Idelmar Cavalcante, havia uma prática de escrita, elaborada sobretudo por uma elite oriunda do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí (IHGPI), que determinou a cidade parnaibana como passadista, em que predomina um vanglorio de personalidades que representam a elite local, e de uma época em que a expectativa econômica era alta. Quando o progresso desanda, surge essa prática escriturística que resgata o passado, imortalizando-o (CALVACANTE, 2015).

durante o século XX, em uma Parnaíba cada vez mais industrializada, outra classe esquecida no discurso oficial – que celebrava os donos de grandes negócios – passa a se formar na cidade: o operariado. Na fábrica Moraes S/A os operários estavam presentes nas Usinas, realizando as mais diferentes atividades. Esses, bem como os demais trabalhadores que ocupavam outras posições no negócio dos Moraes, não são mencionados nos jornais que circulavam no período e nem prestigiados por seus serviços.

Foi após uma visita às ruínas da Usina Alberto Correia – parte do complexo industrial da Moraes S/A – que passei a ter inquietações sobre a vida desses trabalhadores. Assim, comecei a investigar mais sobre a história da fábrica em questão. Com essa empreitada, notei a ausência de estudos que abordassem o cotidiano desses sujeitos, pois as poucas pesquisas empreendidas não são capazes de explorar todas as lacunas e indagações sobre suas vidas e feitos. Busco, assim, sanar informações sobre esses indivíduos. Desse modo, para compreender mais sobre as experiências, vivências e cotidiano dos funcionários da Moraes S/A, esta pesquisa mobiliza relatos de um ex-funcionário da fábrica, cujo nome é Francisco Cláudio dos Santos Almeida, a fim de serem analisados. Saliento que tomei conhecimento sobre o Sr. Cláudio – como é conhecido – quando determinei que a fonte principal desta pesquisa seria as próprias colocações de quem trabalhou na fábrica. Há poucos remanescentes, e os que tive a oportunidade de conhecer, estavam enfermos e não poderiam participar.

A escolha metodológica, nesse sentido, é a Micro-História, pois assim foi possível realizar uma análise mais minuciosa, e como elucidou José de Assunção Barros, “o que a Micro-História pretende é uma redução na escala de observação do historiador com o intuito de se perceber aspectos que, de outro modo, passariam despercebidos” (BARROS, 2007, p. 169). Como principal referência metodológica da Micro-História e inspiração, a contribuição da obra *o Queijo e os Vermes: o Cotidiano e as Ideias de um Moleiro Perseguido pela Inquisição*, de Carlo Ginzburg, foi fundamental, pois serviu de orientação para se estudar um caso-limite⁴.

Além disso, o motivo que levou a escolha de Francisco Cláudio para as entrevistas é a sua trajetória na fábrica. Trabalhou por mais de uma década na Moraes S/A, ocupando posições distintas e executando diferentes atividades, demonstrando assim ter vivenciado

⁴ Caso-limite é um conceito mobilizado na obra *Queijo e os Vermes: o Cotidiano e as Ideias de um Moleiro Perseguido pela Inquisição*, de Ginzburg, quando estuda o caso de Menocchio. “[...] mesmo um caso-limite (e Menocchio com certeza é) pode se revelar representativo, seja negativamente – porque ajuda a precisar o que se deva entender, numa situação dada, por ‘estatisticamente mais frequente’ – seja positivamente – porque permite circunscrever as possibilidades latentes de algo que nos chega apenas por meio de documentos fragmentários e deformados” (GINZBURG, 2006, p. 21).

muitas experiências. Apesar de não ter trabalhado nas Usinas com os outros operários, isso não retira o potencial dos seus relatos de entender mais sobre o dia a dia do operariado e demais funcionários, pois como será exposto, o entrevistado tinha contato com esses sujeitos. O Sr. Cláudio começou seus serviços na empresa em 1958, como consta na sua carteira de trabalho⁵, desvinculando-se da mesma apenas em 1977⁶. A História Oral entra na presente pesquisa a fim de que, através dos depoimentos fornecidos pelo Sr. Cláudio, seja compreendido mais sobre o cotidiano dos empregados da Moraes S/A e, de modo geral, trazer maior protagonismo para o trabalhador parnaibano nas décadas finais do século XX.

Como salienta a historiadora Lucilia de Almeida Neves Delgado, no seu livro *História oral: Memória, tempo e identidades* (2010), a história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes, por meio de narrativas induzidas e estimuladas, versões sobre a História em suas diferentes perspectivas. “Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida” (DELGADO, 2010, p 15). Com escassas fontes documentais sobre os trabalhadores da Moraes S/A, os depoimentos colhidos nas entrevistas são como um canal para a construção do conhecimento histórico. Sendo assim, pensaremos a fábrica a partir do olhar daquele que, dentro da História Oficial, não recebe o devido destaque.

Neste artigo, o recorte cronológico selecionado compreende as décadas de 1950, 1960 e 1970. Essa escolha é explicada pelo fato de que, nesses anos, a cidade de Parnaíba experimentava o dinamismo de um comércio assentado no extrativismo vegetal, como mencionado anteriormente, o que provocou mudanças no dia a dia dos parnaibanos. Além disso, durante esse período o Brasil vivenciava o momento mais repressivo da Ditadura Militar, em decorrência do Ato Institucional nº 5 (AI-5), de 1968. Nessa época muitas manifestações e conflitos ocorreram, inclusive entre os militares e trabalhadores brasileiros. O Piauí não ficou isolado, sendo palco de tensões, conflitos de discursos e assim por diante, como demonstra as pesquisas empreendidas por Francisco J. Leandro A. de Castro e Marylu Alves de Oliveira, alguns dos historiadores selecionados para pensarmos as tensões ou conflitos que permeavam o cotidiano dos funcionários da Moraes S/A.

No entanto, antes de realizar um aprofundamento sobre essas situações, foi primeiramente investigada a trajetória do Sr. Cláudio na fábrica, para compreender mais sobre o cotidiano na Moraes S/A. Mobilizamos leituras como *Os excluídos da História: Operários, mulheres e prisioneiros* (2006), da historiadora Michelle Perrot, e *Do Cabaré ao lar: A utopia*

⁵ Presente em Anexo I.

⁶ Presente em Anexo II.

da cidade disciplinar e a resistência anarquista (2018), de Margareth Rago. Posteriormente, foi pesquisado sobre o cotidiano além da Moraes S/A, movido por indagações sobre suas vidas além do ambiente fabril: Como eram as suas residências? Quais problemas lhes afetavam? Quais eram suas formas de sociabilidade? Pensando nisso, selecionamos referências como Josenias dos Santos da Silva, com o seu trabalho *Parnaíba e o avesso da Bella Époque: o cotidiano e pobreza (1930-1950)*, e Pedro Vagner Silva Oliveira, com *Paraíso do crime? Ocorrência policial na imprensa da belle époque parnaibana (1930-1950)*.

O LABOR NA MORAES S/A EM PARNAÍBA

Antes de examinar as colocações feitas pelo Sr. Cláudio e em qual medida elas ajudam a solucionar o problema da ausência de protagonismo dos funcionários da Moraes S/A – bem como do próprio trabalhador parnaibano –, precisamos entender como relatos de um único sujeito podem condizer com os de todos os outros que prestavam serviços à fábrica. Em *O Queijo e os Vermes: o Cotidiano e as Ideias de um Moleiro Perseguido pela Inquisição* (2006), Carlo Ginzburg explora através dos depoimentos de Menocchio, contidos em documentos, a existência de uma “circularidade” entre a cultura das classes dominantes e das classes subalternas. O autor baseia-se nesses documentos para entender, entre outros aspectos, o cotidiano e as ideias de sujeitos que, assim como os trabalhadores da Moraes S/A, foram secundarizados, tendo sua relevância ofuscada no quadro da produção histórica.

Buscando justificar o uso de um único caso para compreender um contexto mais amplo, Ginzburg insere o estudo de um “caso-limite” – como o de Menocchio –, pois ajuda a precisar uma situação ou possibilidades que a circunscrevem (GINZBURG, 2006). No caso da presente pesquisa, é mobilizada a História Oral, que assim como documentos escritos, também possui discurso. Portanto, não se trata de elaborar uma biografia ou da “história de vida” de um indivíduo, “mas sim os aspetos que poderá perceber através do exame micro-localizado desta vida” (BARROS, 2007, p. 169). O Menocchio da presente pesquisa, o Sr. Cláudio, é um dos poucos remanescentes da Moraes S/A, e seus relatos são representativos, assim como Ginzburg descreve o caso do próprio moleiro que estudou.

Nos relatos do Sr. Cláudio sobre o começo da década de 1950, somos apresentados a uma Parnaíba de intenso movimento comercial, com a circulação de vários produtos e exportações em larga escala: “Saia daqui eu não sei nem quantas toneladas da cera, da Casa Marc Jacob, da Moraes S/A, da Casa Inglesa, da PVP, do Pedro Machado também. Tudo

exportava essa cera, tudo pro exterior”⁷. Em uma série de textos intitulada *Carnaúba*⁸, escrita por Antônio de Pádua, publicados no *Almanaque de Parnaíba*⁹ entre 2019-2020, há a descrição dos carnaubais, “(...) aqueles campos todos cobertos de carnaubeiras. Que custavam tanto e tantos anos para dar palha em condições de corte. Iam cobrindo até a beira do rio (...) ainda eram de onde tirava alguma coisa pra sua família ter em casa”¹⁰. O trecho em questão tem como narrativa a trajetória de um trabalhador rural que realizava os cortes da palha de carnaúba, que posteriormente seriam negociadas “onde estava todo o movimento de comércio na Parnaíba naquele início de século XX”¹¹. Após vendida, da palha era extraído o pó. A cera da carnaúba produzida a partir do pó branco alcançaria durante anos alto valor comercial, sendo exportada para diversos países, como descrito pelo Sr. Cláudio.

Em um contexto mais amplo, o Brasil durante o século XX vinha experimentando mudanças econômicas significativas e otimistas. Alguns dos fatores que possibilitaram esse cenário positivo foi a expansão do comércio para o exterior, que atraiu capital estrangeiro. Essa característica tornou-se fundamental para o setor industrial alavancar, pois a partir de alterações importantes nas estruturas sociais e institucionais, constituiu-se o desenvolvimento (PAIVA; LUSTOSO, C.; C., 2017). Incorporada a essa marcha progressista estava Parnaíba. No centro da cidade estabelecimentos comerciais surgiram na região portuária, denominada Porto das Barcas. Nas proximidades desse local estava centrado o prédio de negócios da família Moraes,

Fundada em 1904 por Antônio Martins Ribeiro, Jozias Benedicto de Moraes e Fernando José dos Santos, sob a razão social de Ribeiro, Moraes & Santos, Moraes S/A foi uma indústria especializada no beneficiamento da cera de carnaúba e na extração de óleos vegetais do coco babaçu, da oiticica e das nozes de tucum. Produzia, por meio do beneficiamento dessas matérias-primas, produtos como óleo alimentício, óleo industrial, ceras para assoalho, velas para iluminação, glicerina, sabões, sabonetes, ácidos graxos, silicato de sódio, gordura de coco e ralão (VERAS, 2020, p. 14).

A Moraes S/A tornou-se amplamente conhecida, e também funcionava no ramo de navegação fluvial, possuindo navio e outras embarcações. Para ocupar tantas funções, a

⁷ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. Entrevista. Concedida a Camila Vitória Nascimento Sampaio. 18 de março de 2024.

⁸ A série de textos versa por contar histórias daqueles que trabalhavam com a extração das palhas dos carnaubais para vendê-las nos centros comerciais. O texto em questão é intitulado Cabeça de Cera, presente no *Almanaque da Parnaíba*.

⁹ Importante periódico que é editado no estado do Piauí, publicado em 1923 e circulando até a contemporaneidade. Disponível em: <https://conhecaparnaiba.com/almanaque-da-parnaiba/>

¹⁰ ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 2019-2020, p. 195.

¹¹ ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 2019-2020, p. 195.

empresa tinha um grande número de funcionários. A trajetória do Sr. Cláudio enquanto parte desse corpo de trabalhadores inicia em 1958. Como menor de idade, recebeu uma carteira de trabalho diferente dos demais funcionários, com validade de apenas um ano, haja visto que começou suas funções como aprendiz. Sua rotina, no entanto, assemelhava-se a dos outros sujeitos que prestavam serviços a “Moraes” – como a fábrica ficou conhecida popularmente na cidade. Entrava às 7:30 e saía no horário do almoço, às 11:00, depois retornava às 13:00 e permanecia até as 17:00, como relatou na primeira entrevista. Esses horários tinham que ser seguidos estritamente por todos que trabalhavam na fábrica. Para demarcar esses horários, soava um apito de dentro das Usinas São José e Alberto Correia. Ele tocava várias vezes ao longo do dia, tornando-se referencial de tempo não apenas para os funcionários como também para quem morava nas proximidades (VERAS, 2020).

O Sr. Cláudio começou seus serviços trabalhando no escritório “dos Moraes”, como elucida quando questionado sobre suas atividades iniciais na fábrica:

Eu... eu era de menor, e por intermédio de um amigo meu, que já era **funcionário do Moraes, me conseguiu botar lá, certo? Porque ele já tinha um conhecimento muito bom com um dos presidentes, João Maria Basto Correia**, era o presidente da Moraes naquela época. Então, então... ele manda eu ir, comecei a trabalhar como contínuo, contínuo era limpando as mesas, fazendo mandatos. Então eu trabalhei uns mais ou menos até os 18 anos, nessa faixa.¹²

Inicialmente, na hierarquia produtiva, o Sr. Cláudio realizava tarefas que não careciam tanto de “trabalho braçal”, algo que não acontecia com os outros funcionários que labutavam nas Usinas, em meio as caldeiras quentes. Aqueles que estavam no “chão da fábrica” seguiam uma rotina pesada, descarregando os caminhões com pó de carnaúba, trabalhando nos preparos dos sabões, sabonetes, óleos alimentícios e afins. As Usinas tinham um grande pátio industrial, e também eram espaços extremamente organizados, como o Sr. Cláudio deixou subentendido ao comentar sobre o que Moraes S/A produzia: “Foi o maior produtor de sabão, sabão Moraes. É um sabão em barra, ele tinha sabão Moraes, sabão rajado, sabão de coco (...) E muitas coisas que o Moraes tinha, firma riquíssima, **controladíssima**”¹³.

Nesses locais, cada operário realizava suas funções conforme o estabelecido. Assim, pode-se dizer que a Moraes S/A se configurava como a “nova fábrica” descrita no livro *Do Cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista* (2014), de Margareth Rago, em que a partir de 1920, a higienização e racionalização constituíam o setor industrial.

¹² ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 05.

¹³ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 03.

As novas técnicas de controle e disciplinarização aparecem na padronização dos comportamentos, quando se estabelece horários a serem seguidos, como a duração do almoço, ou mesmo a proibição de conversas. Tais normas se encontravam na Moraes S/A, pois como relatou o Sr. Cláudio, lá “não tinham tempo pra sentar e ficar conversando”¹⁴, e quando enfatizou que “Davam um café de merenda, umas 9:00 horas da manhã e parece que de 14:30 pra 15:00 horas”¹⁵, pois os funcionários “não tinha condição pra sair pra comer alguma coisa, eles [a empresa] davam aquele cafezinho pra distrair, né?”¹⁶.

Apesar de não termos acesso aos regulamentos da Moraes S/A – caso tivessem eles por escrito –, com os depoimentos do Sr. Cláudio podemos ter noção sobre a existência da disciplinarização nesse ambiente. Sendo assim, os operários, como ressaltado por Margareth Rago, são atingidos como um corpo coletivo, pois a empresa visa constituir um conjunto coerente e ordenado de trabalhadores, anulando possíveis mobilizações caóticas que subverteriam a ordem vigente (RAGO, 2014). O Sr. Cláudio relata que, mesmo trabalhando no escritório, local que pode aparentar ser “tranquilo”, também estava submetido a uma disciplina, quando fala em outro trecho da entrevista que “quando eu era mais novo era na base do chicote”¹⁷, referindo-se ao cotidiano regrado no escritório.

Como ressaltado anteriormente, começou sua trajetória labutando na posição de contínuo. Enquanto ocupava essa posição na fábrica, o Sr. Cláudio relata que as suas atividades estavam relacionadas somente à limpeza das mesas e das cadeiras, pois a limpeza do assoalho era feita por outro empregado. Também era “menino de recardo”, transportando correspondências, objetos e afins, entregando-os aos seus destinatários. No caso, “fazendo mandatos” representa esses serviços.

Era um escritório grande porque era dividido por várias seções, tudo no balcão, **cada qual [funcionários] ficava com aquele buraco**. Exportação, indústria, faturamento, **tudo possuía lugar separadinho ali [...]** e os corredores para você procurar, poder entrar, mas era um escritório **muito bem organizado**, muito, eu estou dizendo para você que **foi uma lição que eu aprendi dentro do Moraes**.¹⁸

Quando o Sr. Cláudio descreve o ambiente dizendo que “tudo possuía lugar separadinho” e sobre como os funcionários tinham suas respectivas posições no serviço,

¹⁴ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. Entrevista. Concedida a Camila Vitória Nascimento Sampaio. 1 de abril de 2024.

¹⁵ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 03.

¹⁶ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 06.

¹⁷ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 05.

¹⁸ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 13.

compreendem-se outras características acerca do cotidiano na Moraes S/A. O labor manual predomina no espaço fabril, mas também há a intensa divisão de trabalho, fundamental para o ordenamento e subordinação de cada um às suas tarefas (PERROT, 2006). A organização e divisão de funções no escritório também reflete a ordem nas Usinas, em que cada sujeito exercia diligentemente seu papel. No entanto, os dias de labor não são lembrados através de uma ótica ruim ou exaustiva, o que ocorre à memória do Sr. Cláudio é o que aprendeu dentro da Moraes S/A. O ambiente de serviço transforma-se, nessas circunstâncias, em uma “escola” ou até mesmo “casa”. Sendo assim, o patrão é como um professor, em alguns casos, os operários percebem essa figura como um pai, alguém que deveria ser constantemente agradado e respeitado.

Trazendo novamente a colocação do Sr. Cláudio ao dizer que: “quando eu era mais novo era na base do chicote”¹⁹, pode-se compreender mais sobre o imaginário do patrão enquanto figura paterna. A perspectiva do paternalismo traz para as relações de trabalho a dinâmica do pai de família, sujeito associado aquele que impõe regras, e mesmo que sejam normas injustas ou cruéis, os seus filhos – subordinados – devem se submeter a essa autoridade. A figura paterna, em alguns casos, para disciplinarização, converge à força física.

O “chicote” ou outro objeto representa essa ação mais agressiva. Não se almeja, com isso, insinuar que os donos da Moraes S/A tinham posturas violentas, haja visto que as fontes examinadas não trouxeram situações de violência física. O que se pretende demonstrar é que, havia um forte imaginário entre os trabalhadores da fábrica que os patrões eram como pais, algo benéfico especialmente para os donos da Moraes S/A, que assim conseguiam manter a coesão entre os funcionários. Além disso, a figura do “chicote” relaciona-se com a escravidão, pois eram um dos tantos instrumentos de torturas utilizados contra os escravizados. O empregado da palavra pelo Sr. Cláudio resgata justamente esse uso da violência e punições de uma figura que representa a autoridade contra aqueles que estão submetidos a essa situação.

Karl Marx em *Manuscritos econômico-filosóficos* (2004), apresenta seus estudos acerca da alienação. Algumas das suas conclusões revelam que quanto mais o operário encontra-se imerso nas suas funções laborais, menos conseguem realizar procedimentos cognitivos como, por exemplo, estabelecer os limites e distinções entre patrão e família. Os dois papéis se entrelaçam, emaranhando-se na mente do trabalhador como se tivessem o mesmo significado. A consciência alienada faz com que o operário não consiga perceber e

¹⁹ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 05.

admitir sua situação de exploração, preferem a indiferença, conformismo ou mesmo, como no caso de parte dos funcionários da Moraes S/A, o comodismo.

Para esses sujeitos, era satisfatório manter os papéis como o estabelecido pelos líderes, já que qualquer conflito poderia suscitar punição. “Não tinha nenhum assim... besteira um com outro, era tudo parceiro, tudo irmão, tudo, tudo... **se tivesse eles [patrões] mandavam embora, não aceitava**”²⁰. Para o Sr. Cláudio, o que permanece é a “amizade”. No entanto, ele não consegue ter a percepção de que tal vínculo afetivo talvez não ocorra ao patrão. Isso porque, a boa convivência entre o empregador e empregado prevalecia somente até o momento em que não houvesse subversão da ordem, já que, ao menor sinal de conflito, o operário e demais funcionários da Moraes S/A poderiam sofrer severa punição: demissão. Segundo Karl Marx, essa é uma das formas do patronato garantir a organização na fábrica: apoiando-se na massa proletária à sua disposição. Caso ocorresse qualquer desobediência por parte do operário, ele poderia ser dispensado, já que no sistema capitalista, há sempre a oferta de mão de obra (MARX, 2004).

Sendo assim, enquanto existisse a completa submissão do trabalhador ao patronato, a convivência entre os dois seria tranquila. O funcionário, como mencionado anteriormente, fica grato pelo empregador não o dispensar e tratá-lo de maneira amena. Com isso, a gratidão, em última instância, vira praticamente um dever. Por isso, é recorrente nas entrevistas com o Sr. Cláudio menções a Moraes S/A com saudosismo e sentimento de agradecimento. Nessa perspectiva, há a construção de uma identidade fortalecida pelo tempo, em que o sentimento de “dívida” para com os patrões e o de pertencimento a empresa predomina, mantendo de forma atemporal a coesão de alguns trabalhadores. No entanto, tal cenário não é totalizante, pois as tensões existiram, como analisaremos de forma particular em outro tópico.

No escritório o movimento era frequente, pois lá os compradores chegavam e negociavam as palhas de carnaúba, tucum, babaçu ou buscavam adquirir mercadorias da Moraes S/A. O espaço, para o Sr. Cláudio, não era luxuoso. O chão de madeira bem polido, ventiladores em cada balcão, pastas amontoadas nas mesas, com pessoas entrando e saindo, um dia a dia agitado. Ele relembra que no momento do trabalho precisava utilizar gravata, evidenciando um código de vestimentas que deveria ser seguido por aqueles que faziam parte do cotidiano no escritório “dos Moraes”. Lá mantinha maior proximidade com os patrões, algo que não ocorria àqueles que estavam no “chão de fábrica”, ou seja, nas Usinas. Chegou a

²⁰ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 07.

trabalhar ao lado do Dr. Lauro Andrade Correia²¹, engenheiro químico industrial da empresa. Sobre esse contato não relatou muito, além do respeito e admiração que tinha para com ele.

Além disso, destaca-se a importância de manter boas conexões. O Sr. Cláudio expõe que só passou a trabalhar na Moraes S/A devido à indicação de um amigo que “já tinha um conhecimento muito bom com um dos presidentes, João Maria Basto Correia, era o presidente da Moraes naquela época”²². Esses tipos de relações que proporcionavam empregos eram corriqueiros, especialmente em uma cidade que não tinha uma população grande²³. Não à toa, geralmente membros de uma mesma família trabalhavam na fábrica. O Sr. Cláudio vivenciou tal situação, como ele relata: “Eu era muito novo e já conhecia o Moraes, que eu tinha um irmão que já tinha trabalhado no Moraes na época que o Moraes vendia querosene, óleo para motor, etc... eu já conhecia o Moraes”²⁴. Ainda ressalta que “**Era, era comum, tinha gente que tinham um, dois, três irmãos lá dentro.** A família Farias tinha vários, dois, três irmãos trabalhando, o pai trabalhando também, certo?”²⁵.

A historiadora Michelle Perrot em *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros* (2006), ao estudar três grupos invisibilizados na historiografia francesa tradicional (as mulheres, os operários e os prisioneiros), percebe a família como fator importante para gerar a coesão e disciplina dos operários dentro e fora da fábrica. Nessa dinâmica, o pai e a mãe eram os instrutores dos filhos que, desde cedo, se integrariam ao ambiente fabril. Portanto, a rebelião contra a ordem da fábrica, seria uma rebelião contra os próprios pais. Pode-se perceber que essas situações em que os filhos trabalhavam ao lado dos pais, como relatado pelo Sr. Cláudio, corroboravam para a subordinação dos funcionários aos patrões. Nessa perspectiva, essas ordenanças relacionadas à família permeavam o cotidiano de quem trabalhava na Moraes S/A, fazendo com que a fábrica se transformasse em uma extensão da própria moradia.

Quando o Sr. Cláudio começou a trabalhar, a mão de obra de menores de idade nas fábricas já havia declinado consideravelmente em comparação às primeiras décadas do século

²¹ Lauro de Andrade Correia nasceu em Parnaíba, no dia 7 de julho de 1924. Jozias de Moraes Correia (principal líder do negócio da família Moraes), tio de Lauro Correia, financiou seus estudos até que realizasse o curso superior em Engenharia Química Industrial, na Universidade de Minas Gerais. Quando seu primo, José de Moraes Correia (Zeca Correia, filho de Jozias) assume a administração da Moraes S/A, Lauro Correia ocupa a posição de Engenheiro Químico da fábrica. Foi sócio fundador em 1947 do segundo clube Lions Club Parnaíba, ingressou na Academia de Letras (APAL) em 1983 e ocupou durante um período posição de presidente da Federação das Indústrias do Piauí (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 2022).

²² ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 01.

²³ Na década de 1950 foi realizado um recenseamento sobre a população presente na cidade de Parnaíba. Segundo a pesquisa, o número de habitantes naquele período chegava em torno de 49.369 (IBGE, 1950, p. 64).

²⁴ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. Entrevista. Concedida a Camila Vitória Nascimento Sampaio. 02 de abril de 2024.

²⁵ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 10.

XX, e ao ser questionado sobre a presença de menores de 18 anos na Moraes S/A, salienta que não era algo comum: “Não, era difícil você ver um de menor, eu talvez fui o primeiro, certo? Porque o próprio João Correia, que era o presidente, ele me conhecia (...)”²⁶. Mesmo sendo jovem, não se sentia isolado ou intimidado pelos outros funcionários. De acordo com ele, a convivência era “muito boa, nós todos respeitava um ao outro (...) Tanto do escritório como da fábrica, nós tínhamos uma convivência muito boa, sobre a respeito do trabalho”²⁷. Além disso, também não deixou de estudar, continuou frequentando o Ginásio Parnaibano e posteriormente o União Caixeiral no período noturno. Nesse aspecto, o Sr. Cláudio detinha o privilégio de conseguir conciliar seu emprego com estudos, algo incomum no começo da década de 1960, quando o ensino se mantinha restrito e o trabalho era preferível do que estudar, visto a necessidade de garantir sustento para o lar.

Após completar 18 anos, passou a executar outras funções. Trabalhou na embarcação das mercadorias:

Eu trabalhava numa área, embarcando óleo, cera, essas coisas, que eu trabalhava com umas 40 pessoas, porque a estiva, aqui é o depósito, aqui é a barca encostada para tirar de dentro desse depósito a mercadoria e jogar lá dentro da barca, aqui é o estive, e aqui pra lá é outro, a estiva marítima e a estiva terrestre. Eles [Moraes S/A] trabalhavam com duas estivas, 50% eles levavam até aqui, 50% eles arrumavam dentro (...) as sacas de cera, tudo...²⁸

Enquanto labutava no embarque de produtos, estive ao lado de outros funcionários da Moraes S/A e dos estivadores que ficavam no cais de Parnaíba. Lá realizavam um trabalho que exigia força física. De acordo com o Sr. Cláudio, “As sacas de cera, tudo... era 80 quilos (...), depois baixou pra 60 quilos, porque não tava [estivadores] aguentando o peso (...) pra passar em cima de uma... [tábua] cai nego como diabo dentro d’água, escorregava”²⁹. Os estivadores ficavam responsáveis para realizar o transporte das cargas para as embarcações, e também eram submetidos a um trabalho mais exaustivo e exploratório.

Além disso, tornou-se faturista e começou a realizar negociações. Os compradores e aqueles que almejavam vender, por exemplo, palhas de carnaúba para a Moraes S/A, assentavam-se no balcão e lá eram atendidos. Como faturista, o Sr. Cláudio fez viagens para o interior a fim de comprar babaçu, tucum, palha de carnaúba, entre outros. Geralmente, nessas viagens trabalhava ao lado de um ou dois funcionários. Ele revela que as estradas eram

²⁶ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 04

²⁷ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 04.

²⁸ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 04.

²⁹ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 05.

perigosas, por isso não poderia ir sozinho, pois além de guardar altas quantia de dinheiro em espécie, também transportava matéria-prima. Enquanto ficou no cargo de faturista, teve contato com vários setores, como elucida:

Eu trabalhava na exportação, **eu tinha com a indústria, com a contabilidade, tinha no câmbio, que trabalhava com o banco, que era essas exportações que a gente fazia, eu tinha contato com todos eles**, que muitas vezes ia viajar, eu levava cobrança da indústria para receber dos clientes da parte de exportação já levava coisa pra vender, era óleo, era sabonete, sabão... eu botava na traseira do carro e ia vendendo também. Não era meu... o meu mesmo era só exportação, eu levava porque eles pediam para levar as cobranças.³⁰

Tal cargo era incumbido a alguém de confiança, pois tratava-se de negociações importantes. Com esses contatos estabelecidos através das diferentes funções que ocupou, o Sr. Cláudio construiu uma ampla rede de amizades, com as quais compartilhava não apenas a rotina, como também informações sobre política, trabalho, assim como entretenimentos. Essas redes de sociabilidade constituíram combinatórios de operações, como descreveu Michel de Certeau em seu trabalho *A invenção do cotidiano* (1980), ao pensar os hábitos, formas de fazer, formas de crer de pessoas comuns. O ordinário nessa ótica ganha destaque, pois é nele que se subvertem as regras e convenções sociais. É de interesse da presente pesquisa trazer à luz essas questões, analisando as formas de sociabilidades desenvolvidas pelos trabalhadores da Moraes S/A.

ALÉM DA FÁBRICA: SOCIABILIDADE E LAZER ENTRE OS TRABALHADORES DA MORAES S/A

A Parnaíba das primeiras décadas do século XX era um centro de intenso comércio, fazendo com que a circulação de pessoas fosse tão intensa quanto à de mercadorias. As memórias sobre as experiências vivenciadas na “Princesa do Igaraçu” marcaram gerações, que presenciaram as mudanças na urbe conforme a industrialização avançava. Entre as ruas e casas que compunham o cenário urbano, o coração da cidade estava no chamado “centro”, região onde se localizavam os edifícios comerciais, clubes, igrejas e assim por diante.

(...) a cidade ia se urbanizando, entre o perímetro do Porto das Barcas, passando pela Avenida Getúlio Vargas, até a estação ferroviária, as Praças

³⁰ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 03.

de Santo Antonio, e principalmente a Praça da Graça, que contava com a Igreja Matriz, e no mesmo perímetro, com a Igreja de São Benedito destinada em princípio para servir aos escravos; e as ruas que a circundavam (...) (TOURINHO, 2013, p. 6).

O fluxo de pessoas nesses locais era constante. Durante o dia muitos destes se moviam para chegar aos seus respectivos trabalhos, enquanto vislumbravam o cenário pitoresco das casas e estabelecimentos comerciais com arquitetura europeia, edificadas por famílias enriquecidas que visavam transformar a paisagem parnaibana aos moldes da Europa. Entre os locais com maior destaque, “A Praça da Graça era o coração da cidade. Tudo acontecia lá” (ARAKEN, 1988, p. 38). As festas, festejos, celebrações ocorriam nesse local com frequência, fazendo com que ficasse conhecido na cidade.

Como o Sr. Cláudio relatou em um trecho da entrevista “todo mundo ia pro cinema aqui, essa Praça da Graça aqui, as moças e os rapazes ficavam rodando ela todinha a noite até 21:00 horas, no máximo 21:00, 21:30 (...) A banda tocando, no meio lá tinha um coreto”³¹. Quando era dia de festa ofertada pela prefeitura municipal, as pessoas se reuniam em torno do coreto onde os músicos tocavam, enquanto conversavam e dançavam. Além disso, havia alguns espaços de exibição de películas nas imediações, como o Cine Teatro Éden, Ritz, Cine Clube SESI³². O Cine Éden nas primeiras décadas após sua abertura era restrito à alta sociedade, mas em meados da década de 1970, também começa a ser frequentado por populares.

Esse período também se caracteriza pelo declínio das casas de espetáculo, como é apresentado em uma notícia do Jornal *Inovação*³³ de 1979. Segundo o jornal, quem mais perderia com o declínio desses espaços culturais, eram as classes menos favorecidas: “Mas, quem verdadeiramente perde com isso? Primeiro a cidade, que perde um espaço físico cultural. Segundo, a classe menor favorecida, o povo, que é quem tem mais carência de lazer”³⁴. No relato do Sr. Cláudio, muitos trabalhadores da Moraes S/A assistiam às exibições: “todos os sábados, ou domingo, levava a namorada pra assistir filme. Filme, certo? Tinha 16:00 horas, 18:00 horas e 21:00 horas. São três seções, terminava às 22:00 horas”³⁵.

³¹ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 20.

³² INOVAÇÃO, Ano II, nº 23, out. 1979, p. 15.

³³ Lançado em 1977 e circulando até 1992, o jornal *Inovação* manteve-se por muito tempo como periódico alternativo. Considerado por muitos como “maldito”, servia como instrumento de luta política, com objetivo de trazer melhorias para a sociedade parnaibana a partir de denúncias sobre os problemas que acometiam a cidade (MENDES, 2015).

³⁴ INOVAÇÃO, Ano II, nº 23, out. 1979, p. 15.

³⁵ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 20.

Morar no centro de Parnaíba, portanto, significava muitas coisas. Havia uma convivência, em certa medida, com pessoas que estavam em uma posição social mais elevada. Também era possível experimentar o cerne da vida social, usufruindo do entretenimento oferecido em vários espaços dentro desse perímetro que corresponde centro. O Sr. Cláudio obteve tais vivências, uma vez que morou com sua família durante anos em uma residência na rua Dr. Francisco Correia, no centro de Parnaíba. Sobre o tempo em que permaneceu na casa, relatou que:

Aqui era centro da cidade, os vizinhos eram tudo bom, aquele tempo não tinha essas confusões de tanta gente como tem hoje, que hoje a gente não conhece ninguém. **Aquele tempo era família tal, família tal, família tal. Todo mundo se dava, era uma união “monstra”,** não tinha essas “fuxicadas”, era todo mundo irmão, certo? Aí tinha os colegas da minha idade, os mais velhos, os mais novos, certo? **Mas sempre foi um bairro muito bom, era o centro da Parnaíba aqui, rua Dr. Francisco Correia.**³⁶

As residências nesse logradouro eram semelhantes, “uma vila de casas juntas”³⁷, declarou o Sr. Cláudio posteriormente. Nessa rua em específico, ele era o único funcionário da Moraes S/A. No seu relato, o centro da cidade é um local pacificado, em que não aconteciam problemas como os que atualmente trazem transtorno à população. É apresentando a imagem de união entre as famílias, onde todos se conheciam e por isso havia uma sensação de “segurança”, em que se ocorressem eventuais infortúnios, poderiam contar com o apoio e ajuda dos vizinhos. No entanto, essa “pacificidade” é questionável, haja visto a presença de crimes, abusos de autoridade policial, punições arbitrárias, entre outros, como examinado pelo historiador Pedro Vagner Silva Oliveira em seu trabalho publicado em 2018, *Paraíso do crime? Ocorrência policial na imprensa da belle époque parnaibana (1930-1950)*. Embora o recorte estudado não seja o mesmo deste artigo, as informações apresentadas pelo autor são igualmente importantes para se compreender os anos posteriores, de 1950 até 1970. É demonstrado, por exemplo, que os jornais ao noticiar os crimes minimizavam os casos ou buscavam noticiá-los como se fossem “atraso” para a modernidade na cidade. Na verdade, a Parnaíba “pacata”, conforme os anos passavam, ficava cada vez mais heterogênea. Tensões e conflitos consequentemente eclodiam.

Na obra de Carlos Araken, *História de uma cidade muito amada* (1988) é descrito que: “*Morar no centro de cidade dava status (...) Nessa estreita área viviam as grandes famílias de Parnaíba*” (ARAKEN, 1988, p. 63). Porém, haviam locais com a presença de

³⁶ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 13.

³⁷ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 13.

famílias que não eram reconhecidas socialmente, e com condições financeiras inferiores comparada a grandes comerciantes. Pode-se observar isso pelos relatos do Sr. Cláudio. Em certo trecho da entrevista, ele menciona que na sua rua não tinha sujeitos de classe alta, “não tinha distinção de nada, todo mundo era igual, certo? Meus pais, os pais dos outros, todos eram pais que eram trabalhadores, certo?”³⁸. Com isso, percebe-se que, o centro não era formado exclusivamente por famílias ricas, pois haviam pessoas com rendas inferiores, que os colocavam em uma condição social de classe média baixa. Esse é o caso do Sr. Cláudio.

Mas, por conta da presença de algumas pessoas ricas e avantajados estabelecimentos, ao centro era direcionado toda atenção e cuidado, em especial o perímetro da Praça da Graça. Observa-se isso, por exemplo, em algumas edições do Jornal *Inovação*, onde o ressentimento é exposto nas páginas ao abordar possíveis modificações em logradouros e praças no centro, alterações que tinham o intuito de modernizar a cidade³⁹. No entanto, o que surge é um sentimento de revolta por alguns populares. A decepção encontra-se no fato de transformar ruas e outros espaços que deveriam manter-se inalteráveis, principalmente a Praça da Graça⁴⁰, que não poderia ser afetada por tais investidas.

Contudo, a mesma preocupação não ocorre aos bairros como o Nossa Senhora do Carmo, às margens do rio Igarçu, afetado por muitas mazelas. O logradouro que acompanhando os muros da Usina Alberto Correia da Moraes S/A, tinha como residentes massivamente operários dessa fábrica. Ainda no livro de Araken, é evidenciado algumas das dificuldades enfrentadas pelos moradores, como as enchentes⁴¹. De forma semelhante, o Sr. Cláudio traz em seu relato informações importantes sobre essas circunstâncias, uma vez que frequentava esses locais:

Ali aquela beira de rio não tinha aquele cais acompanhando àquela altura não, era cais mesmo do rio, depois começaram a “meter” calçamento e botaram aquele negócio pra água não passar, porque a enchente entrava e alagava (...) **ela enchia aí a “Corôa” aí, chamado Bairro do Carmo. O rio invadia, passava por cima da ribanceira e vinha por aqui tudo. A gente andava de canoa daqui pra lá, que tinha um lugar alto, lugar baixo. Aqui de primeiro tinha muito sofrimento com enchente, porque o rio é lá embaixo**, quando ele enchia faziam aqui um trocho pra não passar pra

³⁸ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 13.

³⁹ INOVAÇÃO, Ano I, nº 11, out. 1978, p. 01; INOVAÇÃO, Ano II, nº 23, out. 1979, p. 03.

⁴⁰ Segundo Pierre Nora, locais como logradouros ou praças transformam-se em lugares de memórias quando configuram-se pela atribuição de significados afetivos e simbólicos, produzindo memória coletiva. Há uma construção histórica em torno do centro de Parnaíba, que este artigo não visa examinar de forma minuciosa (NORA, Pierre, 1993).

⁴¹ “Época das chuvas, com as cheias, o rio extravasava e cobria tudo. Era tempo de alagados. Nos anos de inverno grande, as águas subiam até a Presidente Vargas. Andava-se de canoa por todas aquelas ruas” (ARAKEN, 1988, p. 63).

dentro da cidade, aí entrava até ali na 40, ali era cheia d'água, hoje você não ver mais isso. Botavam bomba, aquelas bombas grandes, pra tirar água, pra tirar do bairro e jogavam pro rio.⁴²

As bombas de drenagem, como salientado pelo Sr. Cláudio, não pareciam ser capazes de amenizar os prejuízos das pessoas que tinham suas residências inundadas. Além disso, os moradores eram afetados pelo lamaçal que impregnava a rua após o volume das águas diminuírem, também pelos insetos que se proliferavam nesse ambiente insalubre (ARAKEN, 1988). O cotidiano de quem morava nesse local, portanto, era permeado pela pobreza e várias mazelas. A eletricidade, nas palavras do Sr. Cláudio, era “controlada”, a partir de 22:00 horas da noite ela parava⁴³. O acesso à água encanada é algo que demora para ser implementado, por isso era comum que as pessoas pagassem sujeitos que trouxessem a água do rio para suas respectivas residências: “Mas de beber vinha do rio, barrenta (...) usava um pano, pra sair mais a lama do rio”⁴⁴. Os salários que recebiam também não lhes concediam grande poder de compra, segundo o Sr. Cláudio os patrões tinham carros, mas os funcionários não⁴⁵. As condições precárias em que viviam no Bairro “Corôa” demonstra isso.

Além disso, em um trecho do jornal *Gazeta do Piauí*⁴⁶, publicado em 1955, é relatado um novo projeto encabeçado pelo Vereador Ivan Martins, “porque visa a beneficiar um elevado número de pobres pais de família”⁴⁷. Segundo o projeto apresentado à Câmara Municipal, pessoas que morassem nos bairros “Corôa” e “Tucuns” ficariam isentas de imposto predial durante o ano de 1955, caso ocupassem residências de palha, tijolos ou taipa. Quando questionado sobre moradias com essas descrições apresentadas pela *Gazeta do Povo*, o Sr. Cláudio disse que existiam, mas que com o tempo foram diminuindo⁴⁸. Mesmo assim, com os rigorosos invernos e a ausência de um apoio por parte do poder público, é possível ter dimensão sobre a precariedade em que viviam muitos desses trabalhadores.

O Bairro “Corôa”, como era conhecido o atual Bairro Nossa Senhora do Carmo, recebe nesta pesquisa maior enfoque, especialmente porque as fontes examinadas trazem

⁴² ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 15.

⁴³ “Tinha, mas aquilo era controlada, porque a gente não tinha luz como têm hoje. Aqui antigamente a luz apagava 22:00 horas, 21:00 horas da noite e pronto, certo?” (ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 02).

⁴⁴ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 02.

⁴⁵ “Todos eles tinham carros, todos eles (...) Hoje o carro trabalha em (...) e compra um carro. Naquele tempo não existia isso. Pessoal falava, quem tinha carro era rico, é. Tinha condições...” (ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 05).

⁴⁶ *Gazeta do Piauí* foi um importante jornal que circulou no Piauí durante o século XX.

⁴⁷ *Gazeta do Piauí*, Parnaíba-PI, p. 1-02, 1955.

⁴⁸ “Tinha, mas era a muito tempo. Não, era muito difícil você encontrar casa de palha porque a gente tinha a cerâmica do outro lado do rio” (ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 16).

informações sobre os trabalhadores que viviam nesse logradouro. Esse local configura-se, portanto, como parte do cotidiano externo à fábrica, pois eram onde a maioria dos funcionários moravam, como já foi enfatizado anteriormente. Quanto ao Bairro “Tucuns”, ele não será foco de análise neste trabalho.

Na rua Dr. Francisco Correia a maioria das residências possuía um padrão: com 4 quartos, sala de estar, cozinha e banheiro. No caso do Sr. Cláudio, moravam ele, seu pai e sua mãe. Normalmente fazia o percurso para o serviço a pé, como os outros empregados da fábrica. Sobre o antigo Bairro Côroa, as casas, conforme o Sr. Cláudio, eram cedidas pela própria Moraes S/A. “(...) aquelas casas ali tudinho era do Moraes, que eles davam pra eles morarem [aos funcionários]. Não tinha que dizer: ‘não tinha casa pra morar’. Tem! Essa vila todinha o Moraes liberou pra eles (...)”⁴⁹. Na busca de fontes para compreender mais sobre a vida dos funcionários dessa empresa, não foram encontrados registros ou afins que pudessem validar essas informações fornecidas pelo Sr. Cláudio. O que se pode afirmar é que a presença da Moraes S/A foi fundamental para impulsionar o crescimento do Bairro Nossa Senhora do Carmo (VERAS, 2020).

Além disso, a estrutura física das moradias nesse perímetro não era atrativa, “Casinhas simples mesmo, com a sala, 2 quartos, uma cozinha e um banheiro. Casinha pequena, como que fosse pra duas pessoas, mas tinha casa que morava mais de cinco, oito, tudo é filho, na hora de dormir dava um jeito”⁵⁰. Essas habitações podem ser classificadas como as que surgem após o final do século XIX, quando as vilas operárias começaram a ser construídas por meio de recursos capitalistas particulares ou poderes estatais em bairros periféricos, com a intenção de serem “higiênicas e baratas” (REGO, 2014). De fato, eram habitações econômicas, que careciam de poucos recursos para serem edificadas, mas não proviam um estado de bem-estar social para os seus residentes. Algo semelhante acontece no Rio de Janeiro a partir de 1930, quando passam a serem feitas “moradias econômicas” para as classes econômicas, no sentido de ser uma “pequena moradia” (CORTADO, 2019).

Caso a fábrica Moraes S/A fornecesse ou mesmo viabilizasse a aquisição de moradias aos seus funcionários, era mais uma forma de mantê-los controlados e submissos, pois o local em que moravam não pertenciam a eles, mas aos seus patrões. Qualquer ação subversiva poderia suscitar não apenas na demissão, como também na perda do lar. Além disso, essa situação também ajudaria a entender o extremo sentimento de gratidão aos líderes da empresa. O Bairro do “Corôa”, portanto, cresce a partir dos trabalhadores e entender

⁴⁹ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 16.

⁵⁰ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 16.

alguns aspectos acerca dele permite compreender mais sobre os próprios funcionários da Moraes S/A. Segundo o Sr. Cláudio, no Bairro “Corôa” tinha de tudo, desde bares à comércios pequenos, como também casas noturnas, chamadas de cabaré:

Ali tinha tudo na vila, só não tinha não tinha farmácia, tinha cabaré, tinha bar, tinha gente que trabalhava na Moraes, tudo tinha isso. **Só ali nesse bairro aqui [Nossa Senhora do Carmo], tinha umas quatro, cinco casa noturna, de mulher, né? Que a gente chamava cabaré. Tinha casa de família do lado, normal, ninguém se metia, também eles não se metiam com a gente, e vinha muita (...) muitas aqui, vinha gente do Maranhão, garotas novas, de menor, ficavam num bairro desse, escondida dentro de uma casa dessas.**⁵¹

A presença de prostíbulo estava espalhada ao longo das margens do rio Igaraçu, eram locais frequentados por muitos trabalhadores, não apenas da Moraes S/A, como também por outros, “As idas aos cabarés e botequins eram sempre os roteiros mais seguidos pela maioria dos embarcadiços que aproveitavam a folga para os encontros fortuitos e a ‘caninha’ revigorante” (SILVA, 2012, p. 67). Como demonstrou Josenias dos Santos da Silva em seu trabalho *Parnaíba e o avesso da Belle Époque: Cotidiano e pobreza (1930-1950)*, esse era um dos pontos de sociabilidade de grupos desfavorecidos socialmente, local conhecido pelo resto da alta sociedade parnaibana pela “promiscuidade” e alcoolismo. No contexto social, o Bairro “Corôa” era estigmatizado, percebido de forma negativa. Através do relato do Sr. Cláudio, percebe-se que, até mesmo para os moradores desse local, vizinhos aos cabarés, falar abertamente sobre o que acontecia lá dentro era um tabu. As famílias que viviam nas imediações preferiam fingir que essas casas noturnas não existiam.

No poema intitulado *Multiplicação da Miséria*⁵², de Pádua dos Santos, presente no jornal *Inovação* de 1978, é apresentado justamente o cenário dos cabarés em que, para aquelas que lá chegavam, não poderiam retornar às suas casas: “Suas filhas ninguém ajuda, convergem sempre à ‘Munguba’, lugar que só se conjuga, o ambíguo verbo amar. Voltar pra casa é pecado (...)”. De acordo com o Sr. Cláudio, a maioria das mulheres eram do Maranhão. Contudo, também entravam nesses locais jovens residentes da Parnaíba, como o poema de Pádua dos Santos deixa subentendido. Meninas menores de idade que, por muitos motivos e situações diferentes, as quais não pretendemos investigar a fundo neste artigo, convergiam ao prostíbulo.

⁵¹ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 16.

⁵² INOVAÇÃO, Ano I, nº 6, abr. 1978, p. 02.

Além dos espaços citados, as datas festivas brasileiras também traziam grande agitação na cidade, incluindo entre os funcionários da Moraes S/A:

Tinham final de ano, eles [patrões] **sempre davam uma gratificação extra, você ganhava àquela [salário] e ganhava um reforço. Carnaval, eles gostavam desse negócio de carnaval.** Eles sempre davam um negócio pra você tomar uma cerveja no sábado. Do bolso deles mesmo. Eles chamavam um ou dois: “Aqui o negócio pra vocês tomar uma cervejinha.”⁵³

O Sr. Cláudio apresenta um relato interessante ao dizer que, no período do Carnaval, os patrões davam gratificação a alguns funcionários, provavelmente aqueles que lhes agradavam pela dedicação ao serviço e obediência. Além disso, percebe-se que para o patronato não era um problema os empregados se divertirem nos bares da cidade, mas eles não frequentavam os mesmos ambientes que os seus funcionários, como o Sr. Cláudio elucidou em outro trecho da entrevista⁵⁴. Na cidade de Parnaíba, o Carnaval era um dos feriados mais importantes no calendário, dias em que a urbe ganhava outros contornos com os foliões e serpentinas espalhados pelas ruas. A Praça da Graça era o local com maior movimento, “Carros alegóricos, cordões, blocos de fantasias e de sujos, foliões solitários, todos girando em torno da nossa Praça” (ARAKEN, 1988, p. 38).

A festa também acontecia em espaços fechados, como no Igara Clube. No ano de 1978 o Jornal *Inovação* relatou o movimento nesse local. O título “IGARA CLUBE UM CARNAVAL DETURPADO” se encontra na primeira página do jornal, em letras maiúsculas, visando chamar a atenção dos leitores. No texto é descrito com descontentamento e decepção a festa que ocorrera nesse local, pois na ocasião o clube encontrava-se fechado para os sócios e seus convidados, sujeitos da alta sociedade parnaibana, e mesmo com a presença da classe alta, havia entorpecentes e outras coisas consideradas impróprias ou socialmente negativas. O Sr. Cláudio relembra que, de fato, o clube tinha dias específicos de funcionamento exclusivo para os sócios: “Quando era dia de sábado, eles abriam os portões, portões... o pessoal ia tomar uma cerveja lá em cima, lá embaixo. Agora quando era dia do... do... Igara mesmo, eles fechavam que era só pros sócios”⁵⁵. Entre esses colaboradores, estavam os donos da Moraes S/A, além de proprietários de outras fábricas e estabelecimentos comerciais. Mais adiante, o jornal salienta os motivos para a publicação de tal texto:

⁵³ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 08.

⁵⁴ “Pergunta: Os donos da fábrica frequentavam os mesmos bares que os operários e demais trabalhadores? Resposta do Sr. Cláudio: Não, os chefes não” (ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 19).

⁵⁵ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 23.

O que me levou a escrever algo foi a conscientização da coisa em termos sociais. **Se tal ocorrência tivesse sido registrada em um clube dos chamados “classe baixa” diriam que “da plebe, só podemos esperar daí para pior,”** mas em um clube em que houve inúmeras exigências tal fato nos deprime.⁵⁶

O que chama atenção é o motivo pelo qual o Igara Clube foi duramente criticado: no caso, tal transtorno está relacionado ao fato de coisas vistas como socialmente negativas e incorretas serem praticadas pela alta classe parnaibana, pois se ocorressem tais situações no meio da dita “classe baixa” não era de se surpreender. Nesse trecho revelam-se os preconceitos contra as pessoas que viviam na periferia e suas formas de entretenimento. O Sr. Cláudio que também frequentava o Igara Clube nos dias que eram festas direcionadas para o público, não comentou sobre usos de entorpecentes ou qualquer droga ilícita. Relembrou somente as danças que aconteciam no meio do salão do primeiro andar e do segundo andar.

Quando era dia de festa era pra todo mundo, quando era dia do próprio clube, aí era só pros sócios, pra entrar você ia com companheiro entrava, certo? (...) Eles chamavam de testulhão, como se fosse uma festinha lá em cima, aí vinha um cantor de fora, **era tudo aberto, aberto não, pagava pra entrar, aberto que eu diga que era pra todo mundo, mas pagava o ingresso.**⁵⁷

Nesses dias de festa no Igara Clube o Sr. Cláudio encontrava alguns funcionários da Moraes S/A, com os quais se divertia enquanto bebia cerveja. Mas como bem salientou, não havia acesso gratuito, pois era necessário pagar um ingresso, o que fazia do clube um ambiente mais restrito. Contudo, os funcionários da Moraes S/A também encontravam outros lugares para se entreterem, os quais não precisavam pagar para ter acesso, como a própria Praça da Graça, que ao anoitecer, virava ponto de encontro para os namorados e amigos, lá permanecendo até às 22:00⁵⁸ horas da noite, o máximo socialmente aceitável para as pessoas vagarem pelo local.

Durante os meses de julho e dezembro, novas formas de entretenimento apareciam, essas mais restritas do que as outras, em que apenas alguns sujeitos conseguiam participar: as viagens para as praias. As “férias” eram motivo de alegria para aqueles que conseguiam usufruí-las, pois eram um refúgio após meses em labuta exaustiva. O sr. Cláudio, por exemplo, relata que “Na época de férias, no mês de junho e de dezembro, isso aqui [Parnaíba] ficava

⁵⁶ INOVAÇÃO, Ano I, nº 04, fev. 1978, p. 2.

⁵⁷ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 23.

⁵⁸ De acordo com o Código de Posturas de 1963, é proibido dar gritos – fazer agitações – dentro da zona central e suburbana depois das 22:00 horas, sob o risco de multa de 5% a 50% (cinco a cinquenta por cento) do salário mínimo (Código de Posturas, 1963, p. 32).

sem ninguém, ia todo mundo pras praias, casa de praias, pedra do sol, pra ir pra lá era de carro de boi (...)”⁵⁹. Como mencionado, sendo uma forma de entretenimento mais restrita, não eram “todos” que conseguiam participar. O Aljava também comenta sobre essas férias, noticiando que Pedra do Sol era o principal destino das pessoas⁶⁰. Mas também traz uma denúncia, ao relatar o exorbitante preço das passagens e a precariedade das estradas. Sendo assim, esse destino de férias era mais restrito do que outros espaços presentes dentro de Parnaíba.

O sr. Cláudio enfatiza que os funcionários da Moraes S/A não tinham férias em meses estabelecidas, outro fato que faz das férias de “junho e dezembro” mais restritas: “O Moraes não dava férias para trabalhadores, ele [patrões] dava férias pra os trabalhadores de acordo com o tempo dele”⁶¹. No caso, os empregadores recebiam suas férias por tempo de serviço, sendo apenas um período curto, menos de um mês. Geralmente, quem aproveitava o período de férias nas praias eram os patrões, pois “eles casa lá”⁶², enquanto a maioria dos funcionários ficavam na fábrica, exercendo seus trabalhos. Mas os diretores da Moraes S/A continuavam acompanhando os trabalhos na fábrica, e não deixavam de frequentar o escritório.

Na verdade, o cerne da vida social dos trabalhadores parnaibanos nas memórias do Sr. Cláudio encontrava-se nos bares espalhados no centro, em específico um bar que ficava localizado às margens do rio Igarçu. Ele salienta que, após saírem da Moraes S/A, se juntava com os operários e demais funcionários da empresa e se direcionava a esse bar onde posteriormente seria construída a ponte Simplicio Dias da Silva, em 1975:

Não aquilo ali é o seguinte, **tinha um barzinho bem na beira da ponte, era o pavilhão**, a frente dele com o posto de gasolina se chama Paulo Afonso Ribeiro. Mas não chegou (...) **eles [prefeitura] saíram, derrubaram esse pavilhão que era um barzinho bem legal, lindo o barzinho**, o jeito, né. Um sobradinho, você bebia lá em cima, embaixo... só tinha ele ali.⁶³

Esse bar, de acordo com o Sr. Cláudio, era um dos mais frequentados pela classe operária e demais trabalhadores parnaibanos. Nesse local se reuniam não apenas os funcionários da Moraes S/A, como também de outras empresas, como Marc Jacob, PVP, Pedro Machado e Casa Inglesa. Lá socializavam, bebiam, comiam pequenas refeições com peixe, brincavam, e também compartilhavam informações sobre o dia a dia no serviço. O

⁵⁹ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 17.

⁶⁰ ALJAVA, 26 jul. 1958, p. 05.

⁶¹ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 23.

⁶² ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 23.

⁶³ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 23.

cheiro “você não vai acreditar... sabe o que é sabonete glicerol da fábrica Moraes S/A? Era empestado lá, ou então do babaçu, tirando o óleo babaçu, extraído da amêndoa, o cheiro do babaçu, a cera da carnaúba”⁶⁴. Havia também os vendedores de caranguejo de Luís Correia, que ficavam nas calçadas. Esse também é um dos poucos momentos em que o Sr. Cláudio cita a presença das mulheres. Nas fábricas em Parnaíba, os trabalhadores eram massivamente homens, mas nos locais de entretenimento, em alguns momentos as esposas acompanhavam seus maridos, ou mesmo mulheres descompromissadas. No entanto, não era comum que as mulheres frequentassem esses ambientes em que predominava a presença masculina.

As fontes que tive acesso, não possuem informações acerca desse bar e o que acontecera ao seu proprietário após a derrubada do estabelecimento para a construção da ponte. A menção que compactua em certa medida com a fala do Sr. Cláudio está presente no Jornal *Inovação* de 1978, em que é abordado o movimento da venda de caranguejos debaixo da ponte, ponto que também é relatado em um trecho da entrevista⁶⁵. Só que, na notícia presente nesse jornal, essa venda de caranguejos é descrita como ruim: “Quem quiser ver uma mistura de caranguejo com podridão e sujeira é só ir debaixo da ponte Simplício Dias da Silva e encontrará tudo isso de uma só vez”. Possivelmente, esse local já era alvo de críticas há algum tempo, seja pelo mau cheiro proveniente dos caranguejos ou pelos motins de trabalhadores que se reuniam no bar, carregando em seus corpos o odor dos seus ofícios.

Sobre o que conversavam, o Sr. Cláudio relembra que eram assuntos “imorais”, mas não especificou o que seriam esses conteúdos imorais. Provavelmente temas sexuais, vistos como tabu naquele período. Além disso, também comentavam sobre os seus respectivos serviços. Quando questionado sobre possíveis conflitos ou brigas nesse ambiente, o Sr. Cláudio negou e, em outro trecho da entrevista, ao ser indagado sobre discussões acerca do tema política, demonstrou que não era assunto importante, ou mesmo algo que chamasse a atenção dos trabalhadores. No entanto, em um período marcado pela repressão em decorrência do Ato Institucional nº 5 (AI-5), as tensões estavam presentes, inclusive entre a classe operária, como o historiador Francisco J. Leandro A. de Castro demonstra em seu livro *1964: Memórias e Culturas Políticas no Piauí* (2022), em que é possível compreender acerca de movimentos como o sindicalismo e suas atuações. Tais tensões existentes no cotidiano dos trabalhadores parnaibanos será examinada em um tópico específico.

⁶⁴ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 19.

⁶⁵ “Ainda tinha uns caras que levava caranguejo, que tinha umas calçadas grandes ao redor do bar, pra vender caranguejo, que vinha de Luís Correia” (ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 19).

AS TENSÕES NA CIDADE “ORDEIRA”

“Em Parnaíba, no processo de formação das práticas trabalhistas, em meados dos anos de 1950, sobretudo na segunda metade dessa década, é possível perceber uma certa narrativa sobre o perfil ideal e uma postura a ser assumida pela classe trabalhadora” (CASTRO, 2022, p. 41). De acordo com Francisco J. Leandro A. Castro, a partir da década de 1930 o Estado começou a fomentar a criação de padrões e posturas que deveriam ser seguidas pelos trabalhadores. Essas narrativas ganharam força especialmente nos grandes centros urbanos do Brasil, como o Rio de Janeiro. No entanto, também é possível notar essas tentativas de disciplinar o proletariado em lugares com populações menores, como em Parnaíba, em que a imprensa propagava a valorização do trabalho, considerado elemento central para toda a sociedade. A imagem do “bom trabalhador” é associada ao homem que cumpre diligentemente com seu serviço, sem estimular contendas (CASTRO, 2022).

Não obstante, em certa medida essas perspectivas se enraizavam entre os trabalhadores parnaibanos, o que contribuía para a passividade de muitos desses. Somando-se a isso, por muito tempo há a criação de representações sobre como empregador e empregado deveriam agir. “A imagem da relação patrão-empregado geralmente vinculada pelas classes dominantes brasileiras na República Velha era de que esta relação se assemelhava em muitos aspectos à relação entre pais e filhos” (CHALHOUB, p. 76, 1986). O trecho em questão foi retirado da obra de Sidney Chalhoub intitulada *Trabalho, lar e botequim* (1986), em que o autor examina o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro na Belle Époque. De acordo com sua pesquisa, esta imagem ideal da relação patrão-empregado, fundamentada no paternalismo, contribuía para esvaziar possíveis conflitos ao mesmo tempo, em que procurava amenizar a distância social entre o patronato e seus funcionários. Mesmo trata-se de um estudo empreendido com recorte temporal que compreende a República Velha, tal relação assemelha-se com as descrições fornecidas pelo Sr. Cláudio ao lembrar como era a convivência com os patrões, como examinado anteriormente.

No entanto, essa passividade pode ser explicada, em certa medida, não como postura acrítica por parte dos operários e demais funcionários da Moraes S/A, mas um temor. Em relação a isso, ao ser questionado sobre a organização de greves entre os trabalhadores da fábrica, o Sr. Cláudio responde que:

Não, greve não. **Deus me livre ter greve lá, mandavam todo mundo embora** rrsrs. Não fazia greve não, não merecia, não precisava. **Aqui era**

difícil ter greve em Parnaíba. Não precisava da greve, eles eram muito bons pra gente, eles pagavam direitinho. Se o fim do ano fosse sexta, eles pagavam sexta, nada de pagar na outra semana, só pagava adiantado.⁶⁶

Nesse trecho da entrevista, quando discorre sobre as ausências de greves, o Sr. Cláudio argumenta que não existiam porque os patrões poderiam dispensar os empregados envolvidos em algum movimento grevista. Portanto, havia um temor. Muito embora o saudosismo esteja presente entre esses trabalhadores, lembrando os aspectos positivos no cotidiano na Moraes S/A, o medo de perder o serviço estava entre as lacunas de explicações como: “Não fazia greve não, não merecia, não precisava”⁶⁷. Karl Marx em seus estudos desenvolve o conceito de Exército Industrial de Reserva para compreender o desemprego estrutural. Segundo ele, para a manutenção do sistema capitalista, é preciso que parte da população esteja desempregada, pois esse contingente de pessoas inibe as reivindicações daqueles que possuem empregos (MARX, 2013). Percebe-se que, na Moraes S/A, os patrões se apoiavam justamente no exército industrial de reserva para prevenir qualquer pretensão por parte dos operários e demais funcionários. Portanto, essa relação “amigável” também se configura em uma imposição sutil pelo medo. Além disso, percebe-se que os salários pagos sem atrasos – o que garantia segurança financeira para esses sujeitos – pode ser apontado como outro fator que possivelmente levava parte desses funcionários a não realizarem reivindicações mais radicais.

No relato do Sr. Cláudio, as greves não aconteciam com frequência em Parnaíba. No entanto, não podemos afirmar o mesmo sobre debates acerca do sindicalismo e de organizações sindicais, que desde 1950 crescia consideravelmente na cidade⁶⁸. Na Moraes S/A, havia a presença de sindicatos e, mesmo que nem todos os trabalhadores estivessem coligados ao sindicato que representasse sua função, sabiam da sua existência. No caso do Sr. Cláudio, ele não era envolvido, mas conhecia as pessoas que participavam. Quando questionado sobre nomes de alguns sindicalistas importantes, como o Evilásio dos Santos Barros⁶⁹, que atuou enquanto Presidente da Federação dos Trabalhadores na Indústria no Estado do Piauí, sendo perseguido e preso pelos militares na década de 1960, ele salienta que sabia do envolvimento de Evilásio S. Barros, mas que não era apenas esse sujeito, mas outros

⁶⁶ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. Entrevista. Concedida a Camila Vitória Nascimento Sampaio. 12 de abril de 2024.

⁶⁷ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 10.

⁶⁸ Segundo o estudo empreendido por Francisco J. Leandro A. de Castro, o processo de formação política do trabalhismo parnaibano inicia nos anos de 1950. Nesse período, políticos como o trabalhista José Alexandre Caldas Rodrigues teve maior viabilidade entre os sindicatos locais (CATRO, 2022).

⁶⁹ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 10.

que também tinham participação ativa⁷⁰. Embora o Sr. Cláudio não relembre dos debates levantados nesses locais e as principais reivindicações desses sindicalistas, suas colocações evidenciam que ele sabia sobre as tensões políticas no Brasil e em Parnaíba no período de 1960.

“As pessoas que vivia com problema com exército e tudo... que era de outra, **metido a comunista, né?** Essas coisas assim... eles [militares] encanavam mesmo. Quantos artistas aí que tem, que foram encanados e depois foram soltos? **Na minha época era complicado. Era preciso o cara ter muito... muito... muito... porque se não, eles [militares] encanavam mesmo.**”⁷¹

Homem do seu tempo, o Sr. Cláudio verbaliza as perseguições que aconteciam durante a Ditadura Civil-Militar contra qualquer indivíduo suspeito – mesmo que de forma infundada – ou vinculado a partidos, organizações, grupos comunistas. No Piauí, desde 1950 houve uma grande ampliação de discursos anticomunistas⁷², narrativas que atacavam sindicatos com posturas mais radicalizadas e os trabalhadores envolvidos. Em paralelo a isso, a elite local procurava fazer com que o trabalhador ficasse distante da influência comunista e de ideias radicalizadas. O *Almanaque de Parnaíba*, sendo vinculado aos ideais da classe alta parnaibana, pública em sua edição de 1971, uma crônica de Pedro Celestino⁷³, que aborda sobre o sindicalismo enquanto movimento social parte da vida do trabalhador. De acordo com o texto, o sindicato não poderia ser dispensado, pois é Direito do Trabalhador, mas deve-se também compreender que “(...) a finalidade precípua do Sindicato não é a de jogar empregado contra empregador”⁷⁴. Novamente, há a tentativa de pregar a boa convivência entre o patrão e o funcionário.

Nesse cenário de instabilidade política, perseguições e censura, as disputas entre partidos como a UDN e PTB locais se intensificaram. Segundo o Sr. Cláudio, cada funcionário da Moraes S/A tinha seu lado, mas raramente verbalizavam em que votariam ou defendiam suas posições políticas.

Eu sempre dizia sei nem se vou votar, pra não dizer que não ia (...) agora a gente respeitava, não falava nada, todo mundo ficava na sua, certo. **Eles**

⁷⁰ “Não, não era só ele não, tinham outros” (ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 02).

⁷¹ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 10.

⁷² Marylu Alves Oliveira em sua pesquisa sobre o anticomunismo no Piauí, mostra que esses discursos eram correntes em alguns grupos dentro da Igreja Católica, em parte da corporação militar, em texto impressos e no meio rural, em parte da sociedade civil. Em geral, o comunismo era apresentado como um mal que precisava ser erradicado (OLIVEIRA, 2016).

⁷³ ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1971, p. 265-267.

⁷⁴ ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1971, p. 267.

[patrões] não andavam pedindo, dizendo: “Me dê seu título”. Não. Geralmente você [funcionários] acompanhava eles [patrões], né, certo? Eles [patrões] não ia deixar porque você [funcionários] trabalhava lá.⁷⁵

Segundo essas colocações, os patrões não coagiam de forma explícita seus funcionários a votarem em quem eles quisessem, mas pelo relato do Sr. Cláudio, os trabalhadores não poderiam comentar abertamente sobre suas posições políticas e partidárias. Além disso, no final de sua fala somos induzidos a pensar que, de um modo que não podemos definir nesta pesquisa, os empregadores conseguiam fazer com que alguns dos seus empregados tivesse posicionamento político semelhante a eles. Mas, o Sr. Cláudio acrescenta que, os funcionários falavam que votariam em quem os patrões fossem votar, “agora se votava ou não, não sabia”⁷⁶.

É preciso enfatizar que em meio a Ditadura Civil-Militar, especialmente nos “nos de chumbo”, que correspondem ao período posterior ao AI-5, o Piauí não ficou isolado. Parnaíba foi um centro de tensões em que, embora grandes conflitos não ocorressem, a instabilidade política também se alojou. É recorrente a concepção de que os trabalhadores locais eram sujeitos acríticos, sem seus próprios ideais e posições. Mesmo que na fábrica Moraes S/A as greves nem reivindicações mais radicais tenham acontecido, a partir do que podemos analisar, através dos vários relatos fornecidos pelo Sr. Cláudio, os trabalhadores tinham seus posicionamentos, mas escolhiam não os compartilhar, em grande medida porque temiam represálias, especialmente perder seus empregos, ou em outros casos, porque estavam imersos em uma perceptiva que desde a República Velha faz com que o patrão seja um sujeito que deve ser respeitado e obedecido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Com esta pesquisa, podemos compreender mais sobre o cotidiano daqueles que labutavam na Moraes S/A e, de certa maneira, do próprio trabalhador parnaibano, durante as décadas de 1950 a 1970. Inicialmente, foi remontado o dia a dia de labuta na fábrica, e nesse processo conseguimos entender de que forma as relações entre os trabalhadores e patrões aconteciam nesse ambiente, as condições de trabalho e elementos da própria rotina. De modo que, assim criou-se maior visibilidade sobre o diário no serviço dos funcionários da Moraes S/A. Mesmo com poucas fontes, os relatos fornecidos pelo Sr. Cláudio e submetidos a

⁷⁵ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 09.

⁷⁶ ALMEIDA, Cláudio dos Santos. op. cit. 2024, p. 09.

análises foram fundamentais para saber mais, por exemplo, acerca da convivência entre os trabalhadores.

Sobre isso, com o segundo tópico compreendemos justamente a sociabilidade existente entre os funcionários, seus locais de entretenimento e lazer, sendo que, assim, percebemos que o cotidiano de labor se infiltrava na vida desses sujeitos fora da fábrica, seja nos bares, onde a maioria das conversas estavam vinculadas ao trabalho, ou então nas festas em clubes, quando os empregados da Moraes S/A se encontravam. Além disso, descrevemos e analisamos a rotina fora do espaço fabril, evidenciando aspectos como as suas moradias, os bairros em que residiam, e assim por diante. Objetivamos com isso fornecer compreensão sobre suas experiências na Parnaíba daquela época, que passava por mudanças em decorrência do movimentado comércio e por causa do cenário político, marcado pela repressão da Ditadura Civil Militar.

Acerca disso, por meio dos relatos do Sr. Cláudio e demais fontes, esta pesquisa trouxe as tensões que permeavam o cotidiano dos trabalhadores da Moraes S/A, de modo que, a discussão política e a participação desses sujeitos em movimentos, como o sindical, foram investigadas. Buscamos contornar as visões que posicionam esses sujeitos como meramente acríticos, apresentando as implicações que estavam envoltas na realidade em que viviam. Não era apenas o não querer participar de movimentos reivindicatórios, mas sim um temor de que pudessem perder seus trabalhos, em alguns casos o único sustento de toda uma família.

Desse modo, o trabalhador da Moraes S/A possuía um cotidiano diverso, com muitas experiências sociais e vivências que, também se conectavam com o labor na fábrica. A diminuição da escala de observação, ao analisar os relatos do Sr. Cláudio, foi muito importante para manter registrado as memórias sobre aqueles que labutavam e viveram na Parnaíba durante as décadas de 1950 até 1970. Este artigo, portanto, auxiliou a suprir a falta de conhecimento acerca do cotidiano dos funcionários da fábrica em questão.

REFERÊNCIAS:

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Periódico. *Plataforma Mundos do Trabalho Piauí*. Disponível em: <http://www.mundosdotrabalho.com.br/>

BARROS, J. D. A. Sobre a feitura da micro-história. *OPSIS*, Goiânia, v. 7, n. 9, p. 167–186, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/Opis/article/view/9336>. Acesso em: 22 maio 2024.

CÓDIGO DE POSTURAS. *Prefeitura Municipal da Parnaíba*. Parnaíba, 1963.

- CAVALCANTE JUNIOR, Idelmar Gomes. A escriturística de uma saudade parnaibana. In: LIMA, Frederico Osanam Amorim et al (org.). *Parnaíba: ver, sentir, dizer*. Parnaíba: Edufpi, 2015. p. 111-126.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3º ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- CASTRO, Francisco J. L. A. de. *1964: memórias e culturas políticas no Piauí*. 1º ed. Teresina: Cancioneiro, 2022.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro*. 1 ed. São Paulo: Editora brasiliense, 1986.
- CUNHA, G. H. de M.; PAIVA, M. S. de; CONSTANTINO, M.; LUSTOSA, M. M. do N. A Industrialização Brasileira entre 1900 e 1930 em uma perspectiva histórica. *Hegemonia: Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro Universitário Unieuro*, [S. l.], n. 21, p. 24, 2017. Disponível em: <https://revistahegemonia.emnuvens.com.br/hegemonia/article/view/209>. Acesso em: 15 maio 2023.
- CORTADO, T. J. Entre a moral e a política: a “habitação econômica” no Rio de Janeiro. *Mana*, v. 25, n. 2, p. 303–335, maio 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/wrgW55x83hLjvfm9XSNfxhn/?lang=pt#>. Acesso em: 14 jul. 2024.
- DELGADO, Lucilia de A. N. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Estado do Piauí: Censos Demográficos e Econômicos*. Rio de Janeiro, 1950.
- Indústria Moraes S/A. Em: Jornal da Parnaíba, 1 julho de 2014. Disponível em: <https://www.jornaldaparnaiba.com/2014/07/industria-moraes-sa.html>. Acesso em: 01 fev. 2024.
- MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-filosóficos*. 1º ed. São Paulo: Boitempo editorial, 2004.
- MARY, A. C. T. Memórias parnaibanas: narrativas de sociabilidades entre as décadas de 1930 a 1950. In: XXVII Simpósio Nacional de História, 27., 2013, Natal. *Comunicação [...]*. Natal: [s. n.], 2013. p. 01-15. Disponível em: https://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371350755_ARQUIVO_Memoriasparnaibanasnarrativasdesociabilidadesentreosanos1930e1950.pdf. Acesso em: 05 fev. 2024.
- MENDES, Sérgio L. da S. Parnaíba nas páginas do Inovação: o que diziam as poesias e os artigos de um alternativo sobre a cidade do Delta no final dos anos 1970. In: LIMA, Frederico Osanam Amorim et al (org.). *Parnaíba: ver, sentir, dizer*. Parnaíba: Edufpi, 2015. P. 243-281.

NORA, P.; AUN KHOURY, T. Y. ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 15 maio 2024.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2017.

O Legado do Almanaque da Parnaíba: Celebrando 100 Anos de Sabedoria em 2024. Em: *Conheça Parnaíba.com*, 1 janeiro de 2024. Disponível em: <https://conhecaparnaiba.com/almanaque-da-parnaiba/>. Acesso em: 01 fev. 2024.

OLIVEIRA, Pedro V. S. Paraíso do crime? Ocorrência policial na imprensa da belle époque parnaibana (1930-1950). *Revista Piauiense de História Social e do Trabalho*. Parnaíba, ano IV, n. 06, p. 22-35, jan.-jun., 2018. Disponível em: <https://zenodo.org/records/1306258>. Acesso em: 21 nov. 2023.

OLIVEIRA, Marylu A. de. *A cruzada antivermelha: democracia, Deus e a terra contra a força comunista: representações, apropriações e práticas anticomunistas no Piauí da década de 1960*. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Estadual do Piauí, 2008.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

SANTOS, Francisco Eduardo Souza. *Do desenvolvimento à desindustrialização: um estudo sobre o fim da Moraes S/A*. 2023. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Estadual do Piauí, Parnaíba, 2023.

SILVA, Josenias dos Santos. *Parnaíba e o avesso da Bella Époque: o cotidiano e pobreza (1930-1950)*. 2012. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.

VERAS, Alexandra Sablina do Nascimento. *Usos do passado, memória e apropriações do patrimônio industrial de Parnaíba, Piauí (1940, 1970-1980, 2000-2019)*. 2020. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2020.

FONTES

ALJAVA. Periódico. *Plataforma Mundos do Trabalho Piauí*. Disponível em: <http://www.-mundosdotrabalho.com.br/>.

ARAKEN, Carlos. *Estórias de uma cidade muito amada. Parnaíba*: [s.n], 1988.

GAZETA DO PIAUÍ. ano 1. n. 57. *Parnaíba*, 14 de setembro de 1955.

INOVAÇÃO. Periódico. *Plataforma Mundos do Trabalho Piauí*. Disponível em: <http://www.mundosdotrabalho.com.br/>

ENTREVISTAS

ALMEIDA, Cláudio dos Santos. Entrevista. Concedida a Camila Vitória Nascimento Sampaio. 18 de março de 2024.

ALMEIDA, Cláudio dos Santos. Entrevista. Concedida a Camila Vitória Nascimento Sampaio. 01 de abril de 2024.

ALMEIDA, Cláudio dos Santos. Entrevista. Concedida a Camila Vitória Nascimento Sampaio. 02 de abril de 2024.

ALMEIDA, Cláudio dos Santos. Entrevista. Concedida a Camila Vitória Nascimento Sampaio. 12 de abril de 2024.

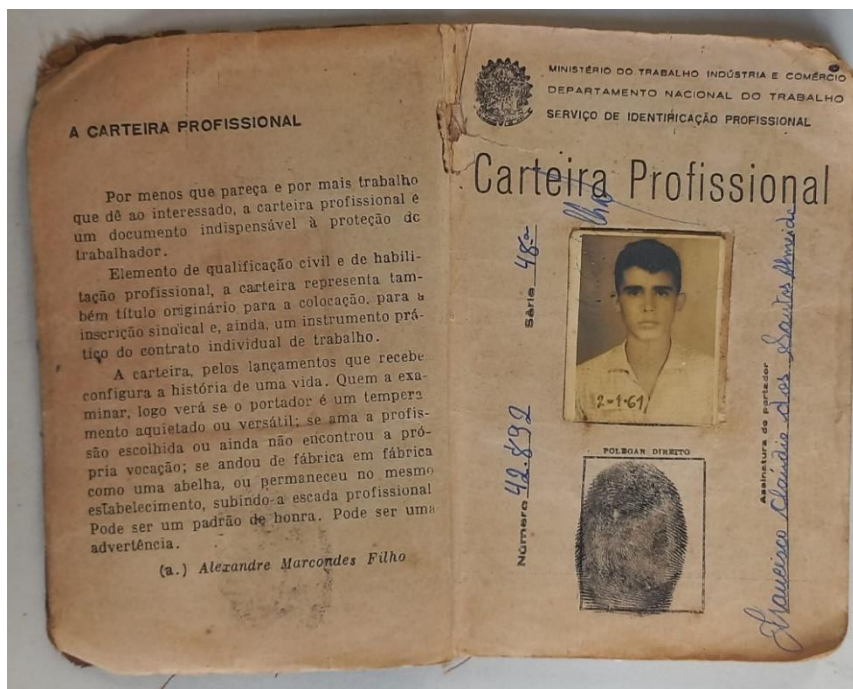
ANEXOS

ANEXO I



Fonte: Acervo particular de Francisco Cláudio dos Santos Almeida.

ANEXO II



Fonte: Carteira Profissional do Ministério do Trabalho e Previdência Social de Francisco Cláudio dos Santos Almeida. Acervo particular.